

# RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA: O QUE PENSAM OS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Nicemar de Assis<sup>1</sup>  
Taciana Carla<sup>2</sup>  
Michelle Beltrão Soares<sup>3</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo analisar a relação família-escola sob o ponto de vista de professoras da Educação Infantil na rede municipal de ensino do município de Nazaré da Mata, Pernambuco. Tendo como referencial teórico o diálogo entre a Educação Infantil, o conceito de família e a relação família-escola. A metodologia apresenta as etapas da pesquisa, realizada em duas fases, questionário e entrevistas, através delas, buscou-se delinear as concepções de professoras da Educação Infantil sobre as relações estabelecidas entre a escola e a família dos alunos, sugerir como os docentes compreendem esse diálogo durante suas atividades cotidianas e caracterizar quais tipos de atividades escolares envolvem essas duas instâncias. Os participantes da pesquisa foram 12 professoras da educação infantil da rede municipal de Nazaré da Mata. Os procedimentos para a coleta de dados foram obtidos e organizados à medida que respondessem aos objetivos elencados nesta pesquisa. Os resultados indicaram que os sujeitos compreendem e apoiam a relação de parceria entre família e a escola como instâncias complementares. Ainda, sugerem que as famílias dificultariam essa relação, no sentido de não atuarem para se concretizar uma parceria na educação das crianças. O estudo ainda indicou que tanto a escola quanto a família devam desenvolver o interesse comum de educar a criança de maneira integrada, para que assim ela possa desenvolver suas potencialidades.

**Palavras-chave:** Família; Escola; Educação Infantil.

## INTRODUÇÃO

Os avanços advindos dos estudos sobre psicologia infantil modificaram as percepções sobre a aprendizagem humana. A isto, somam-se as novas concepções sobre a especificidade da criança, posicionando-se contra a ideia de que esta seria um adulto em miniatura, que ganha força no Brasil, principalmente com o movimento *Escola Nova*. Os pioneiros propõem um novo olhar sobre a função da escola, sobre a criança e sua inserção na sociedade, no qual a educação oferecida não poderia estar alheia aos problemas sociais nem ao indivíduo partícipe do processo.

---

<sup>1</sup>Concluinte de Pedagogia – Centro de Educação – UFPE. nicemarassis@gmail.com

<sup>2</sup>Concluinte de Pedagogia – Centro de Educação – UFPE. taciainhacarlina@hotmail.com,

<sup>3</sup>Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação– Centro de Educação – UFPE. michellebssales@gmail.com.

Em meados da década de 1970, em nosso país, houve um aumento do número de fábricas e, consecutivamente, do movimento de mulheres na luta de espaços para cuidar de suas crianças. Com uma perspectiva assistencialista, surgem as primeiras creches brasileiras (FARIA, 1999). Com a emenda na LDBEN (2009) o Art. 6º diz que: “É dever dos pais ou responsáveis efetuar a matrícula das crianças na educação básica a partir dos 4 (quatro) anos de idade”.

Atualmente, ao se tratar de infância destaca-se a importância da Educação Infantil no processo de ensino e aprendizagem, considerando o valor desta para formação do indivíduo e seu desenvolvimento durante a infância. Pela particularidade de atender crianças muito pequenas, parte-se do pressuposto de que a interação da família com as creches e pré-escolas seja mais enfática do que nas demais etapas escolares. O intercâmbio entre as duas instâncias está presente seja nos contatos informais, nas reuniões trimestrais, nos plantões pedagógicos, projetos didáticos, nas conversas na chegada e na saída da escola, dentre outras. Isto alcança a prática cotidiana dos professores e expressa a corresponsabilidade de ambas as partes no que se refere a educação das crianças. Dessa forma, surgem questionamentos como: quais os impactos da relação família e escola na prática pedagógica dos professores da Educação Infantil? Como os professores lidam cotidianamente com essas duas instâncias?

A partir disto, delimitou-se como objeto deste estudo a relação entre a família e escola na educação infantil. O interesse pela investigação se originou a partir das observações e vivências no âmbito educacional, especificamente nas experiências de estágio na Educação Infantil no município de Nazaré da Mata – PE. O campo de estudo foi escolhido devido a oportunidade de conhecer práticas de algumas escolas do município, através dos estágios no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco.

Tendo em vista que as relações entre família e escola fazem parte do cotidiano docente, compreende-se que buscar entender como esses pontos de vistas convergem no cotidiano docente poderá contribuir, ainda que preliminarmente, para o vasto campo investigativo dessas relações. Assim, com este trabalho, pretende-se dar pistas de como essa relação se estabelece cotidianamente na perspectiva dos professores, ou seja, queremos investigar qual olhar desses agentes educativos sob essas relações, tendo em vista que elas acontecem em

momentos institucionalizados ou não. Ainda, entendendo o professor como um dos principais agentes mediadores do intercâmbio entre a família e a escola.

Em suma, definiu-se como objetivo geral analisar a relação família-escola sob o ponto de vista de professoras da Educação Infantil na rede municipal de ensino do município de Nazaré da Mata, Pernambuco. E como objetivos específicos a) compreender as concepções dos professores sobre a relação família e escola na educação infantil; b) identificar como ocorre a relação entre família e escola no cotidiano das instituições escolares; c) indicar práticas docentes desenvolvidas a partir da relação estabelecida entre a família e escola.

## **A Educação Infantil**

A Educação Infantil engloba as modalidades educativas vividas pelas crianças pequenas que pode se dar no seio familiar, na convivência comunitária, ou em instituições específicas. Kuhlmann (2003, p.469) afirma que “pode-se falar de Educação Infantil em um sentido bastante amplo, envolvendo toda e qualquer forma de educação da criança na família, na comunidade, na sociedade e na cultura em que viva”. Apesar deste caráter geral apontado pelo autor, a educação das crianças no que concerne a organização escolar é delimitada pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010, p.12):

Primeira etapa da educação básica, oferecida em creches e pré-escolas, às quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social.

Nos últimos anos, as políticas educacionais voltadas para a Educação Infantil buscam integrar as crianças de 0 a 5 anos na escola, objetivando assegurar os direitos que lhes são garantidos desde a constituição de 1988. Em junho de 2014, foi aprovada a lei nº 13.005, que institui o Plano Nacional de Educação estabelecendo 20 metas, sendo a primeira delas, “universalizar até 2016 a educação infantil na pré-escola para as crianças de 4 (quatro) e 5 (cinco) anos de idade”, e “atender 50% das crianças de até 3 anos de idade” em creches, ampliando assim a oferta para essa faixa-etária, que deverá funcionar em regime de colaboração entre União, Estado e,

principalmente, municípios, pois serão os governos municipais quem realizarão tal política.

Como apontado, antes da Constituição de 1988, a educação para as crianças pequenas consistia em dar assistência, principalmente, relacionada as mães que estavam entrando no mercado de trabalho e precisavam deixar seus filhos em outro ambiente: instituições comunitárias, associações de bairros, instituições religiosas e filantrópicas dentre outros. O próprio governo oferecia uma assistência social para as camadas populares que necessitavam do cuidado de suas crianças. Com o passar do tempo, esse entendimento se expandiu. O documento que apresenta a política Nacional da Educação Infantil aponta que somente nos últimos anos essa modalidade foi reconhecida como direito da criança. Desse modo, diferentes eixos temáticos podem ser utilizados para refletir sobre as transformações pelas quais vem passando a Educação Infantil que conjecturam as mudanças no sentido do atendimento à criança e às suas famílias.

A educação escolar tem um papel essencial no processo de ensino aprendizagem das crianças, isto passou a ser atribuída também a Educação Infantil e é vista como etapa de grande relevância no que tange o desenvolvimento infantil. Várias transformações aparecem nos contextos educacionais para esta etapa, desde incentivos, políticas públicas, até conquistas asseguradas pela legislação, na busca de um ensino universal de qualidade, capaz de atender as mínimas necessidades socioculturais das crianças.

Para a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96), a Educação Infantil tem como objetivo desenvolver a criança em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. E ainda deve cumprir duas funções indispensáveis e inseparáveis: cuidar e educar, contemplando o espaço formal, a alimentação, a limpeza, o lazer, sempre respeitando a ludicidade nas atividades, enfatizando o desenvolvimento integral da criança.

Em suma, a colaboração para a realização dessas atividades compete aos municípios, onde o mesmo se responsabilizará pelo desenvolvimento dessa etapa na educação básica, assim, o Plano Nacional de Educação aprovado em 2014, comprova tal declaração sobre a competência dos entes federados, tem como estratégias:

Definir, em regime de colaboração entre a União, os estados, o Distrito Federal e os municípios, metas de expansão das respectivas redes públicas de educação infantil segundo padrão nacional de qualidade, considerando as peculiaridades locais; garantir que, ao final da vigência deste PNE, seja inferior a dez por cento a diferença entre as taxas de frequência à educação infantil das crianças de até três anos oriundas do quinto de renda familiar per capita mais elevado e as do quinto de renda familiar per capita mais baixo. (BRASIL, pág.49)

Desta forma, a Educação Infantil se constitui como primeira etapa da educação básica, fazendo parte da educação escolar e se desenvolve, particularmente, por meio do atendimento em creches e pré-escolas.

As diretrizes e bases para a Educação Infantil indicam que a faixa etária para a matrícula nesta etapa é de crianças de 0 a 5 anos completos, até o dia 31 de março do ano da matrícula; as crianças que completam 6 anos após o dia 31 de março devem ser matriculadas no Ensino Fundamental. Destacamos que a frequência na Educação Infantil é exigida na quantidade mínima de 60% do total de horas para a matrícula no Ensino fundamental, como apresenta no artigo 31. IV da lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013 “controle de frequência pela instituição de educação pré-escolar, exigida a frequência mínima de 60% (sessenta por cento) do total de horas”; e que as vagas em creches e pré-escolas públicas devem ser oferecidas próximas às residências das crianças. Para as Diretrizes Curriculares da Educação Infantil (2010, p.15) só é considerada Educação Infantil em tempo parcial, “a jornada de, no mínimo, quatro horas diárias e, em tempo integral, a jornada com duração igual ou superior a sete horas diárias, compreendendo o tempo total que a criança permanece na instituição”.

Como apontado, a LDB estabelece a responsabilidade pela Educação Infantil aos Municípios, onde se deve:

V – oferecer a educação infantil em creches e pré-escolas, e, com prioridade, o ensino fundamental, permitida a atuação em outros níveis de ensino somente quando estiverem atendidas plenamente as necessidades de sua área de competência e com recursos acima dos percentuais mínimos vinculados pela constituição federal à manutenção e desenvolvimento do ensino” (BRASIL 2011, pág. 14).

Atualmente, há um grande desafio na proposta pedagógica voltada para a Educação Infantil, pois a escola tem como responsabilidade complementar e integrar a educação informal que a criança traz consigo do seu convívio familiar, além de capacitar outras competências e habilidades voltadas para sua formação social.

Portanto, a discussão presente neste texto assume a ideia de que a família, a legislação nacional, a instituição de Educação Infantil e a própria criança mantêm relações entre si, resultado de determinações históricas, sociais, por isso, a importância de se pensar as instâncias considerando o conjunto desses fatores que se inter-relacionam.

### **Conceituando família**

Segundo o dicionário Michaelis (1998), o conceito de família é definido como grupo de pessoas aparentadas, do mesmo sangue e origem que vivem na mesma casa, particularmente, o pai, a mãe e os filhos, sendo esse um modelo de família nuclear, que é constituída basicamente por pais e filhos. Esse modelo foi instituído desde muito tempo, tomando como pressuposto o homem que se juntou a mulher para procriação de filhos e então se deu a constituição de uma família:

Pessoas do mesmo sangue, que vivem ou não em comum. Descendência, linhagem. O pai, a mãe e os filhos. Instituição social básica que compreende um ou mais homens vivendo maritalmente com uma ou mais mulheres, os descendentes vivos, e, às vezes, outros parentes ou agregados. Grupo constituído por marido, mulher, filhos menores e solteiros (MICHAELLIS, 1998).

De acordo com Bucher, (1999, p. 86), durante muitos séculos considerou-se o “ideal de família”, o casal unido pelo casamento, com filhos biológicos ou adotivos vivendo sob o mesmo teto (“família nuclear” e família abrangente). Inclusive, este conceito envolve também preceitos religiosos do que seria a “sagrada família”: pai, mãe e filhos. Porém, a concepção de família hoje considera as transformações e novas configurações existentes na sociedade, podendo ser uma reunião dos indivíduos em determinado ambiente: parceiros sem filhos, parceiros com filhos, mulher sem cônjuge com filhos ou sem filhos, homem sem cônjuge com filhos ou sem filhos, avós e netos, parentes, etc. Enfim, há diferentes modelos de famílias que se constituíram devido as mudanças sociais, econômicas, e culturais ao longo das transformações ocorridas nas sociedades.

“Mudanças nos padrões que governam a sexualidade dissociaram a família do casamento, aumentando as possibilidades de configurações que o grupo familiar pode tomar” (CENPEC, 1999, p.15). Assumimos, desta forma, a concepção de família baseada nas ideias de Szymanski (1992), segundo a qual o conceito de

família muitas vezes idealizado no imaginário coletivo como a família nuclear precisa ser compreendido considerando-se a família como produto de determinações sociais, históricas, culturais.

Esse novo agrupamento familiar apresenta e acarreta mudanças também na escola, levando a discussões sobre o papel educacional das duas instâncias que impactam o ambiente escolar e o fazer docente. A corresponsabilidade da educação das crianças expressas nas leis supracitadas, entra em jogo quando há o aumento da carga horária de trabalho de homens e mulheres, divisões mais igualitárias dos papéis educativos dos pais, de crenças e valores a serem perpassados para as crianças, papéis sociais, etc. Há também questionamentos quanto ao papel dos professores na vida das crianças: O que lhes cabe? Como estabelecer e definir os papéis profissionais e familiares?

Paulo Freire em seu livro: “Professora sim, tia não” (1993), destaca que o professor deve ser considerado como um mediador, contribuindo para formar as crianças em cidadãos críticos e partícipe da sociedade, não lhes cabe o papel de babá das crianças ou substituto dos pais. Porém, se tratando de crianças muito pequenas, como na Educação Infantil, os professores também dão assistência aos cuidados básicos, alimentação, limpeza e higiene pessoal, por exemplo. Muitas vezes, estão com as crianças em períodos integrais, por cerca de oito horas diárias. Como ocorre, na prática da educação infantil, os limites dessa relação?

De maneira geral, o primeiro contato que a criança estabelece com o mundo desde o seu nascimento se dá através do meio familiar, transmitindo à criança noções, maneiras de ser, de agir e de sentir, ainda que outras agências ou mesmo alguns espaços exerçam papel socializador sobre a criança. Sendo assim, muitas vezes há um quadro de desencontro sugerindo que tanto a instituição quanto as famílias (re) pensem formas de trabalhar e educar suas crianças.

### **Relação família-escola**

A partir das discussões instituídas, pode-se compreender que a relação entre a família das crianças pequenas e a escola desaguam na prática pedagógica do professor dentro do ambiente escolar, no fazer pedagógico cotidiano. Envolve questões desde a alimentação até a concretização de momentos propícios ao desenvolvimento cognitivo, social, etc. das crianças.

Desde o surgimento da escola, a relação entre ambas instituições vem sendo estabelecidas, como assegura Silva (2009) “a relação escola-família tem a idade da instituição escolar, pois desde que há escolas e famílias sempre houve algum tipo de relação entre ambas”. Encontramos também em Oliveira (2010) a seguinte afirmação:

A divergência entre escola e família está na tarefa de ensinar, sendo que a primeira tem a função de favorecer a aprendizagem dos conhecimentos construídos socialmente em determinado momento histórico, de ampliar as possibilidades de convivência social e, ainda, de legitimar uma ordem social, enquanto a segunda tem a tarefa de promover a socialização das crianças, incluindo o aprendizado de padrões comportamentais, atitudes e valores aceitos pela sociedade. (p.101)

Sem sombra de dúvida, a relação entre a família-escola é um grande desafio e incorpora grandes responsabilidades como apontadas por Oliveira (2010). Corroborando com isso, Kramer (2002, p.13) afirma que “o trabalho conjunto escola-famílias é um dos maiores desafios de uma proposta pedagógica, na medida em que reflete uma problemática social mais ampla”. Assim, a escola deve considerar os diversos contextos no qual as crianças estão inseridas e dessa forma atender as suas especificidades no processo educativo, refletindo sobre as realidades reais das famílias que estão envolvidas no âmbito educacional, logo a necessidade da interação entre ambas é indissociável.

Como apontado, a partir das várias transformações que ocorreram com a instituição familiar, houve avanços em relação as novas concepções do que hoje seria núcleo familiar. Essas modificações aconteceram devido as circunstâncias social e econômica que as sociedades desenvolvem. Considerando esses novos contextos diversificados, cabe a todos os envolvidos contribuir para uma sociedade onde as oportunidades sejam mais justas e democráticas para todos os tipos de organização familiar.

E com todo esse desenvolvimento, o processo de ensino e aprendizagem, assim como a prática pedagógica do professor precisa acompanhar a nova conjuntura de valores e princípios, atendendo as especificidades que cada família apresenta. Dessa maneira instaura-se um grande desafio para os profissionais, fortalecendo ainda mais que a escola e a família interajam efetivamente, pois mesmo tendo finalidades diferentes, ambas têm o objetivo de auxiliar o



desenvolvimento de cidadãos capazes de modificar os contextos no qual estão inseridos. De acordo com Dias (2001):

As famílias modernas ou contemporâneas constituem-se em um núcleo evoluído a partir do desgastado modelo clássico, matrimonializado, patriarcal, hierarquizado, patriamonalizado e heterossexual, centralizador de prole numerosa que conferia status ao casal. Neste seu remanescente, que optar por prole reduzida, os papéis se sobrepõem, se alternam, se confundem ou mesmo se invertem, com modelos também algo confusos, em que a autoridade parental se apresenta não raro diluída ou quase ausente. Com a constante dilatação das expectativas de vida, passa a ser multigeracional, fator que diversifica e dinamiza as relações entre os membros. (p.62-69)

Portanto, a relação família e escola passam por toda essa complexidade, pelas divergências entre as responsabilidades na educação, pelas representações sociais que estas instituições carregam. Os limites entre o papel da escola e o papel da família muitas vezes se confundem, é difícil encontrar a linha tênue que separa efetivamente estas instituições. Por outro lado, as atribuições de educar e ensinar parecem ser bastante nítidas e atribuídas a família e a escola respectivamente. Isto sugere novamente o questionamento: como delimitar a prática do professor a apenas um dos papéis? No entanto, podemos inferir que, apesar das duas instituições se fundirem em diversos momentos, essa relação interdependente deve buscar uma parceria de forma que contribua para o êxito de todos envolvidos.

A partir disto, a família é vista numa relação de parceria com as instituições dedicadas à primeira infância, pois cada criança deve ser valorizada como criança, não somente pelo que os adultos querem que ela venha a se tornar no futuro (GANDINI e EDWARDS, 2002). As relações entre família e a escola na Educação Infantil apresenta uma particularidade: a sintonia, pois, como apontado, trata-se de crianças muito pequenas que demandam do espaço educacional uma função que vai além do educar, o cuidar. Portanto, reafirma-se a corresponsabilidade dos dois agentes educacionais.

## **METODOLOGIA**

Para atingir os objetivos da pesquisa, optamos pela pesquisa qualitativa. Conforme Lüdke e André esse tipo de pesquisa envolve a “obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada,

ênfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes” (1986, p. 13). Como afirma Minayo (1995):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (p.21-22).

De acordo com Minayo (2000, p.21) esse tipo de investigação trabalha com “um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. Nesse sentido, ocorre num espaço de relações considerando as concepções e valores do grupo investigado.

Na área urbana da cidade de Nazaré da Mata, existem cinco escolas municipais que oferecem educação infantil. Como apontado, o município foi escolhido porque tivemos oportunidade de realizar observações e intervenções durante o período de estágio. Assim, elencou-se as três maiores escolas (considerando a quantidade de alunos e o porte da instituição) como campo de pesquisa, buscando entrevistar professores da educação infantil a fim de identificar, de acordo com o que foi discutido, as influências da relação família e escola na prática pedagógica dos professores da educação infantil da rede municipal de ensino do município em questão.

As instituições serão descritas como Escola 1, Escola 2 e Escola 3, afim de garantir o anonimato dos sujeitos envolvidos na investigação. A Escola 1 e Escola 2 atuam em dois turnos, oferecendo Educação Infantil, do Maternal ao Jardim II; e a Escola 3 atua em dois turnos, oferecendo Educação Infantil e Ensino Fundamental I. É importante destacar também que as instituições abrangem crianças de comunidades de baixa renda da região.

Esta investigação foi desenvolvida em duas etapas: a primeira fase consistiu na aplicação de um questionário com os professores atuantes na educação infantil no qual identificamos o perfil do professor (tempo de serviço, formação, faixa etária, gênero, etc.). Os mesmos foram escolhidos pelo critério de ter no mínimo cinco anos de experiência docente, pois entendemos que esse professor já desenvolveu experiência necessária para dialogar sobre sua profissão nessa modalidade de ensino e refletir sobre a relação estabelecida entre a família e escola.

A segunda etapa da pesquisa, consistiu em realizar entrevistas semiestruturadas com os professores com o objetivo de compreender o ponto de vista dos sujeitos sobre o objeto da pesquisa, a relação família e escola, e obter uma visão mais abrangente dos sujeitos envolvidos em relação ao objeto de estudo. A entrevista semiestruturada para Triviños (1987) caracteriza-se por “questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa”. (p.146) Neste caso, a entrevista semiestruturada se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações (LUDKE E ANDRÉ, 1986, p. 34).

Como apontado, pretendeu-se de maneira geral com as entrevistas, identificar as influências da relação família e escola na prática pedagógica dos professores da educação infantil, bem analisar como os professores compreendem essa relação. As entrevistas foram gravadas em áudio, transcritas e posteriormente analisadas, com a autorização prévia dos professores que tiveram garantia de anonimato.

Participaram da pesquisa um total de doze professoras, todas do sexo feminino, quatro de cada escola diferente. O tempo de serviço dessas profissionais variou entre cinco a trinta e cinco anos. A faixa etária corresponde de trinta e sete a sessenta e um anos. Quanto à formação, dez eram graduadas em Pedagogia, destas, quatro possuíam pós-graduação em Psicopedagogia, duas tinham licenciatura em História, uma possui pós-graduação em Gestão Educacional e Gerência de Sala de Aula e uma possuía pós-graduação em Educação Infantil. Os nomes das professoras foram alterados para garantir o anonimato das mesmas. Elas serão identificadas pelo nome fictício e a instituição em que atua (Escola 1, 2 ou 3) no decorrer do trabalho.

O procedimento adotado para análise dos dados foi a análise de conteúdo. Bardin (2006) define análise de conteúdo como um:

conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (p. 38).

De maneira geral, a técnica de análise geralmente se inicia por uma leitura flutuante, na qual o pesquisador vai delineando o texto analisado com suas próprias constatações e surgindo assim, as primeiras unidades de registro. Essas unidades

(que formam um tema) quando definidas vão auxiliando o pesquisador a encontrar o que procura nas informações contidas no texto. Identificar e classificar de forma mais objetiva possível às unidades de registro, é a finalidade da análise temática.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os dados obtidos na investigação foram organizados à medida que respondessem aos objetivos elencados nesta pesquisa. Desta forma, apresentaremos a seguir os três eixos investigativos principais da pesquisa, que relatam as concepções das professoras sobre a relação família e escola na educação infantil; a relação entre família e escola no cotidiano das instituições escolares; as práticas docentes desenvolvidas a partir da relação estabelecida entre a família e escola.

### **1. As concepções das professoras sobre a relação família e escola na educação infantil**

Ao serem questionadas sobre como compreendiam a relação entre a família e a escola de seus alunos, as professoras apresentaram perspectivas diversas. Porém, percebemos de forma muito marcante nas falas das docentes menções a respeito da dificuldade de definir essa relação: há afirmações apontando que apesar das escolas abrirem as portas do ambiente escolar para as famílias, essas demonstram ser desinteressadas em relação à educação dos filhos atribuindo toda a responsabilidade pela educação da criança à escola. Isto evidencia o principal obstáculo apontado pelas professoras entrevistadas: as famílias (muitas vezes tidas como desestruturadas) não contribuem com a educação das crianças, nem demonstram preocupação com as mesmas, impossibilitando a parceria da educação dos alunos na escola.

*Principalmente por causa das crianças, que elas jogam na escola, a escola tem que resolver tudo, a escola tem que ser pai, ser mãe, ser professor, babá, entendeu? (Professora Sandra, Escola 1)*

*É difícil né, essa relação família escola, porque os pais ainda têm essa mente de que a escola tem que fazer todos os papéis hoje dia, como muito deles trabalham fora, jogam toda responsabilidade de educação até a educação familiar (entre aspas) que são os valores, eles acham que a escola tem que passar isso né, e na realidade não*

*é, porque agente não tem condições de dar conta de tudo.  
(Professora Elizana, Escola 2).*

Refletindo sobre isso, Oliveira (2010, p.102) indica que “as famílias que não se enquadram no suposto modelo desejado pela escola são consideradas as grandes responsáveis pelas disparidades escolares”. Apesar disso, os sujeitos entrevistados demonstram compreender que essa relação é de suma importância, pois quando de fato efetiva-se uma parceria, os pais conseguem complementar o trabalho dos professores e vice e versa:

*A relação família e escola, é de suma importância, visto que a escola por si só não educa. A educação deve ser concretizada em conjunto e a escola é o complemento da educação familiar. (Professora Juliana, Escola 2)*

Corroborando com isso, pudemos perceber ainda que os professores compreendem os benefícios de uma parceria efetiva refletidos nas crianças, contribuindo para o desenvolvimento e a aprendizagem de maneira eficaz. Assim traz a professora Elizana:

*Penso que essa relação é de fundamental importância, pois, a família também é responsável pela educação escolar da criança. No processo ensino-aprendizagem onde a família participa de maneira efetiva, os benefícios dessa relação são observados dentro da sala de aula, de antemão os alunos são mais bem sucedidos em todos os aspectos. (Professora Elizana, Escola 2)*

Apesar de compreender a importância de uma relação efetiva entre a família e a escola, a professora Elisana também indica que a tentativa de estabelecer essa parceria parte mais da escola que da família, quando em outro momento da entrevista ela afirma: “essa relação deixa muito a desejar, principalmente em relação a família e escola, não na escola e família, mas da família para a escola, a escola procura muito a família, só que a família não procura a escola, então essa parceria fica a desejar”.

A respeito disto, Kramer (2000) aponta que a dificuldade em relação a estabelecer uma efetiva relação entre a escola e a família, no sentido de serem instituições complementares no desenvolvimento educativo das crianças, se deve também aos paradoxos dos tempos em que vivemos em que “são necessárias condições concretas de trabalho com qualidade e ação coletiva que viabilizem formas de enfrentar os desafios e mudar o futuro” (p.23).

A questão da família como impossibilitadora de uma boa relação entre as duas instâncias supracitadas, aparece em diversas falas. Tomamos como exemplo a professora Áurea, da Escola 3. Para ela, essa relação família-escola é péssima, pois muitos alunos não têm responsáveis: “Na minha concepção a relação família escola é péssima, são alunos que não tem os pais, os que têm não dá valor a eles, são criados soltos com avó, muitas delas se prostituem, não procuram estabelecer relação com a escola”.

Ainda em relação a isso, destacamos a fala da professora Elisana sugerindo que essa relação ainda não deu certo na sua escola por que a família tem colocado as crianças na escola, mas não tem se responsabilizado por elas:

*E até hoje essa relação entre a escola e a família não deu certo, e se continuar assim, não vai dar certo nunca. Eu creio que a tendência é piorar, elas exigem e não faz o papel dela, de jeito nenhum. (Professora Elizama, Escola 2)*

Kramer (2000) afirma que as crianças devem ser compreendidas nas suas necessidades, e devem se acompanhadas pelos adultos, nesse caso, devem receber atenção tanto dos professores como dos responsáveis, o trabalho conjunto contribuirá até mesmo no comportamento e na aprendizagem das crianças: “se faz necessário que as crianças possam ser entendidas nas suas necessidades, ou seja, brincar e também aprender, acompanhados por adultos, nesse sentido, os pais e professores não podem perder a autoridade”.( p.21)

Apesar da dificuldade de se definir como se efetiva essa relação entre a família e a escola, ou ainda, como esta deveria ser concretizada nos termos práticos do cotidiano docente e familiar, os professores afirmam ser importante o diálogo entre as duas instâncias

*A família e escola tem que andar junto, porque se não andar junto, não funciona totalmente. (Professora Irene, Escola 2)*

É nítida a concepção dos docentes pesquisados de que a família, ou os responsáveis pela criança, seriam os impossibilitadores para se concretizar uma boa parceria entre a família e a escola. A mesma professora continua,

*Muitas vezes eu vejo os pais deixando os filhos na escola como um depósito, assim está ali, está guardado. Quando larga cedo, eles não gostam, porque eles dizem “mas eu ia passear, só ia chegar tal hora”... (Professora Irene, Escola 2)*

Segundo Oliveira (2008), há diversos conflitos entre os ensinamentos familiares e os propostos pela educação formal, como se observa na escola, porque enquanto a escola busca contribuir nas propostas educacionais que visem desenvolver os alunos em seus aspectos cognitivos, pessoais e sociais, a família também cabe proporcionar uma complementariedade e interesse comum no desenvolvimento integral desses educandos. A escola sozinha não concretiza o esperado em sua totalidade, com a participação da família, o aprendizado das crianças torna-se significativo para todos os envolvidos, principalmente para própria criança, como traz a professora Juliana da Escola 2:

*A relação família-escola deve ser norteadora numa parceria e pro dos educandos, buscando sempre estabelecer diálogos entre ambos, para que o aprendizado das crianças venha a ser mais significativo, até pra elas mesmos.*

Desta forma, de maneira geral destaca-se que as docentes das instituições pesquisadas sugerem compreender e apoiar a relação entre família e a escola como instancias complementares na educação e socialização das crianças. Porém, sugerem também que as famílias das crianças dificultariam essa relação, no sentido de não atuarem para se concretizar uma parceria na educação das crianças. Aparentemente, ainda permanece uma ideia de instituições de Educação Infantil como assistencialistas, um local para que os pais ou responsáveis deixem seus filhos. Nesse sentido, é notável que tanto a escola quanto a família desenvolvam o interesse comum de educar a criança de maneira integrada, para que assim ela possa crescer e se desenvolver em suas potencialidades.

#### **b) Como ocorre a relação entre família e escola no cotidiano das instituições escolares pesquisadas**

Através das falas das professoras, no cotidiano das instituições pesquisadas, foi identificado que a relação família-escola acontece de diferentes maneiras, seja através das conversas informais entre pais e professores, bilhetes enviados entre as duas instituições, ou ainda em momentos formais como reuniões, eventos, palestras, etc. Porém, mais uma vez as professoras apontam que há resistência da família em participar dos momentos dos alunos nas escolas, inclusive, nos momentos institucionalizados como reuniões de pais e mestres. Segundo elas o convite é feito,

mas não há uma valorização por parte dos familiares. Podemos ilustrar essa afirmação através da fala das professoras a seguir:

*Os próprios pais não tão nem aí para a vida deles imagine para os filhos, aí o trabalho do professor fica defasado, trabalha sozinho, aí no final do ano não há rendimento. (Professora Áurea, Escola 1)*

*Tem reunião familiar, a diretora convoca, chama, conversa com os pais, tem projeto da escola para ser trabalhado, mas é aquela questão nem todos comparecem, poucos dão valor, começa com desculpas, aí fica um vazio pra direção e pra coordenação, fica vazio pra o professor, a família leva essas crianças na escola pra se livrar. (Professora Áurea, Escola 3)*

Além disso, percebemos também que alguns professores aparentemente se posicionam sobre a forma que deveria ser esta relação, quando perguntados sobre a família na escola:

*A relação entre família e escola é boa, pelo menos na minha sala... os meus pais se relacionam bem com a escola, estão sempre presente se caso forem chamados. (Professora Irene, Escola 1)*

“Os pais estão sempre presente se caso forem chamados”, seria uma alternativa para resolver o impasse da concretização dessa relação? Ou a presença dos pais apenas mediante convite não efetiva uma verdadeira parceria? Em relação a isto, segundo as professoras, algumas famílias na escola buscam fazer acontecer essa parceria de maneira ampliada, participando de eventos, projetos, reuniões e conversas informais com as professoras, porém, segundo elas, a maioria não participa de maneira satisfatória:

*A gente faz uma reunião e chegam 15 pais aqui. É alarmante, é alarmante, é triste, isso é triste, por quê? Porque eles não têm o senso de responsabilidade, eles jogam os filhos na escola, às vezes para resolver problemas, para viajar, até para se divertir, lazer deles mesmos. (Professora Cíntia, Escola 3)*

*Nós fazemos plantões pedagógicos, onde infelizmente os pais não são muito participativos, realizamos eventos nas datas comemorativas, como dia das mães, dia dos pais, temos uma parceria com a saúde, que faz palestras sobre os temas atuais para os pais, apesar de que contamos com um pequeno número de pais. (Professora Sandra, Escola 3)*

Mais uma vez, configura-se para as professoras entrevistadas, o papel da instituição familiar como grande facilitadora ou impossibilitadora do estabelecimento de uma relação efetiva entre as duas instâncias. A complexidade desta relação é aprofundada quando alguns autores indicam a necessidade de expandir a relação



entre pais e professores a todo ambiente escolar, como os demais funcionários, buscando um diálogo entre os envolvidos com a escola; essa relação da família com todo o ambiente escolar é discutido por Paro (1997), por exemplo, afirmando que “a escola deve utilizar todas as oportunidades de contatos com os pais, para passar informações relevantes sobre seus objetivos, recursos, problemas e também sobre as questões pedagógicas” (p.30).

Nesse sentido, a professora Juliana traz:

*Tentamos fazer com que essa relação aconteça de forma integrada, onde as famílias têm livre acesso às professoras e demais funcionários. Realizamos reuniões bimestrais, como também plantão pedagógico, onde as professoras têm a oportunidade de conversar mais diretamente sobre as crianças com seus respectivos pais, e assim estabelecer um diálogo necessário. (Professora Juliana, Escola 2)*

Nesses encontros, as professoras aproveitam para conversar a respeito do rendimento dos alunos, segundo elas, muitos deles apresentam um maior desempenho dependendo da valorização ou da participação dos seus pais na escola, como acrescenta Luck (2010, p.86):

A participação dos pais na vida da escola tem sido observada em pesquisas, como um dos indicadores mais significativos na determinação da qualidade do ensino, isto é, aprendem mais os alunos cujos pais participam mais da vida da escola.

Portanto, apesar de estar em constante processo de construção devido as demandas sociais que exigem da família e da escola revisões constantes de sua relação, a parceria entre a família e a escola aparentemente é buscada através de um diálogo aberto e da facilidade de acesso de ambas as partes, numa situação de complementariedade: a escola na função educativa e a família participando na construção do aprendizado da criança. Assim como afirma Piaget:

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois a muita coisa que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola, chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades [...] (2007, p.50)

Na busca por essa relação efetiva entre ambas as instituições, mesmo diante da complexidade que ultrapassa o cotidiano docente e familiar e se depara na visão de mundo, de conceitos e concepções mais amplos entre as duas

instâncias, existe a forte perspectiva de que ao conseguirem a concretização desse laço de maneira efetiva, surgirão novos caminhos de uma renovação no âmbito educacional:

*[...] tanto a família quanto a escola desejam a mesma coisa: preparar as crianças para o mundo; no entanto, a família tem suas particularidades que a diferenciam da escola, e suas necessidades que a aproximam dessa mesma instituição. A escola tem sua metodologia e filosofia para educar uma criança, no entanto ela necessita da família para concretizar o seu projeto educativo. (PAROLIM, 2003, p. 99)*

### **c) Práticas docentes desenvolvidas a partir da relação estabelecida entre a família e escola.**

Questionadas a respeito dos impactos da relação estabelecida com as famílias dos alunos em suas práticas cotidianas, as professoras indicaram que, inicialmente, buscam dialogar com os alunos sobre assuntos referentes a família, realizando conversação oral, rodas de conversas, atividades no interior da escola, objetivando a construção do conhecimento dos alunos a partir do seu próprio cotidiano, do seu ambiente familiar.

Como traz a professora Maria:

*Nós trabalhamos inicialmente com a conversação, dialogando a respeito das suas vivências, todos os dias fazemos rodas de conversas, onde damos oportunidade para que os alunos falem do seu dia anterior, o que fizeram, quais as novidades, e sempre nessas conversas, eles falam sobre um acontecimento em casa, com a família e etc.. Daí, trabalhamos as questões trazidas por eles. (Professora Maria, Escola 3)*

Para a professora Luciene, a conversa é muito presente em suas aulas, pois através dela, a professora consegue fazer uma ponte da família até a escola. Segundo ela, cada um traz um cotidiano diferenciado que contribui para o conhecimento e aprendizagem também do outro, através da troca de experiências e vivências familiares.

*A gente trabalha na maioria das vezes através da conversação oral né, a gente conversa com o aluno, procura saber, pronto no dia dos pais: Como é o nome de seu pai? O que ele faz? Ele trabalha em quê? Ele vive onde? E procura trabalhar assim porque a gente sabe que hoje a família não é pai, mãe e filho né, existe meninos que não são criados pelo pai, tem uns que nem chegam a conhecer, eles eram novinhos quando o pai morreu. (Professora Luciene, Escola 3)*

A professora Juliana acrescenta que em sua prática ela trabalha o contrato de convivência no início do ano, apresentando que aquele contrato deve ser utilizado tanto na escola como em casa durante todo o ano, buscando estabelecer respeito entre as crianças; trazendo também as vivências das datas comemorativas, principalmente as que pedem a participação da família.

*Bem, nas nossas salas, temos o contrato de convivência, buscamos dialogar sobre o respeito as relações interpessoais, também na participação nas vivências das datas comemorativas, sempre convidando os pais para participarem conosco, apesar de que há muitos pais ausentes, por motivos até banais. (Professora Juliana, Escola 2)*

Através disso, é possível identificar que as práticas pedagógicas das professoras no que diz respeito a família são balizadas na perspectiva de atender as especificidades de cada criança, considerando a pouca idade dos alunos que a Educação Infantil engloba, bem como os contextos sociais de realidades de vida diferenciadas das crianças. Isto corrobora com a afirmação de Veiga (1992, p. 16) em que a prática pedagógica é "...uma prática social orientada por objetivos, finalidades e conhecimentos, e inserida no contexto da prática social. A prática pedagógica é uma dimensão da prática social".

Percebemos também, através das falas das professoras, que para alcançar os processos de ensino e aprendizagem é necessário toda uma investigação em torno do contexto social das crianças. Conforme abordado por Altet (2000, p.13):

O acto de ensinar, ao sabor das finalidades educativas, passou sucessivamente, da transmissão de informações, para o desenvolvimento do saber-fazer, para a formação da pessoa, nos nossos dias, chegar à concepção do "ensino que dê resposta" (...) no qual o professor se adapta às necessidades dos alunos.

Corroborando com isso, ao falar sobre sua prática pedagógica relacionada a família de seus alunos, a professora Maria da Escola 3 relata que o diálogo que tem com a criança desencadeia uma relação de confiança entre ambas, a partir daí começa a entender melhor a situação real em que contexto familiar aquela criança está inserida. Isto também é encontrado na fala da professora Luciene:

*Na minha sala tem um menino que eu sei se conheceu o pai, não lembra nem da imagem do pai e é criado pela avó. A mãe é usuária de droga, mora em outra cidade, tem outros filhos e nem procura por ele. Justamente isso que mais afeta o*

*desenvolvimento da criança, no meu ponto de vista isso pesa muito na maioria das crianças. (Professora Luciene, Escola 3)*

De acordo com as falas, a instituição familiar é de grande relevância no cotidiano das professoras, pois pode esclarecer o porquê daquela criança apresentar certa resistência em participar nas atividades, nas brincadeiras, nos eventos da escola, etc. Cada criança tem sua bagagem sociocultural e considerar isto contribui para que as professoras realizem uma prática pedagógica voltada para construção também da identidade da criança. O relato da professora Maria, indica que o aprendizado não se constrói apenas na escola, mas sim por meio das experiências vivenciadas que chegam até a escola,

*Eu acho que cabe a cada professor elaborar essas práticas para atender as necessidades dos alunos, aí então temos que fazer projetos de intervenção tanto dentro e fora da escola, para auxiliar não só na escola, mas também fora. A gente ver aí a necessidade quando fala da tarefa para casa estamos vendo muito isso, a maioria dos pais são analfabetos, infelizmente é a realidade. (Professora Maria, Escola 1)*

Portando, apesar da dificuldade de conceituar suas concepções práticas a cerca do que seria uma relação efetiva entre a família e a escola, as docentes apontam a família como agente facilitadora ou impossibilitadora da concretização de uma parceria ente as duas instâncias. As professoras demonstram que na prática essa relação existe e influencia diretamente no cotidiano das instituições de Educação Infantil que elas trabalham. Essa relação se concretiza tanto nos momentos formais, em reuniões de pais, festejos, etc., tanto nos momentos informais, no dia a dia das instituições.

O contexto sociocultural indica as possibilidades e impossibilidades eventuais no desenvolvimento das crianças, sem considerar o ambiente que elas se encontram, a prática docente torna-se vazia de significado e tende a mecanização. Desta forma, as professoras parecem entender que apesar de nebulosa, essa relação é necessária, é real, constante e impacta diretamente no cotidiano pedagógico.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No percurso deste trabalho, foram investigadas questões sobre a relação entre a família e a escola no cotidiano de instituições de Educação Infantil, buscando delinear as concepções de professoras sobre as relações estabelecidas entre a escola e a família dos alunos, como ocorriam esta relação em suas escolas e indicar práticas docentes desenvolvidas a partir da integração entre a família e a escola das crianças.

Ao longo da pesquisa, foi possível verificar a importância e as dificuldades dessa relação, que se delineou como concreta, real e constante nas instituições escolares. Tanto numa perspectiva complementar das duas instâncias, quanto de movimento antagônico em que não há convergência nas concepções dos papéis e das funções da família e da escola. A relação existe, porém, o modo como ela se estabelece e se realiza no cotidiano parece não ser ideal, segundo as falas das professoras. Elas sugerem que as famílias das crianças não desenvolvem essa relação como uma parceria em prol do desenvolvimento das crianças, ao mesmo tempo, ainda parece nebuloso conceituar como deveria se estabelecer esta parceria.

Através das falas, foi possível compreender que essa relação é de grande complexidade, mas essencial para o desenvolvimento sócio cognitivo da criança. Quando não existe uma interação de complementariedade entre ambas instâncias, há o impacto no ensino e no aprendizado das crianças. Considerando ainda a especificidade das instituições de Educação Infantil que foram campo de pesquisa: fazem parte de comunidades bastante carentes em que a maioria dos seus alunos se encontra em situações de vulnerabilidade social. A parceria entre as duas instâncias poderia servir como mais um elemento na tentativa da superação dessas dificuldades. Foi sugerido que o professor recebendo o apoio da família e conhecendo o contexto da criança, torna-se mais hábil em desenvolver sua prática pedagógica e assim elaborar metodologias que possam atender dificuldades particulares de seus alunos.

Dessa maneira, percebemos na fala das docentes que existem resistências e distanciamentos, principalmente por parte da família das crianças, para concretizar uma parceria com a escola de seus filhos. Sugerindo que apesar das mudanças sociais, as instituições de Educação Infantil ainda permanecem com o estigma de ambiente assistencialista para as crianças menores. Ainda, na visão das docentes, essa parceria precisa ser enxergada como uma ponte para tentar alcançar os

objetivos comuns entre a família e a escola, que resultarão no sucesso na construção da aprendizagem da criança.

Os momentos de maior conectividade entre as duas instâncias estão nos eventos que a escola oferece, nota-se um movimento que parte mais da escola em convidar os pais e responsáveis para dentro do ambiente escolar através de eventos, reuniões, plantões pedagógicos e até mesmo as festas. Assim, para que a relação família e escola seja aproveitada de maneira produtiva, ambas devem estar conectadas em todos os aspectos no desenvolvimento da criança.

Desta forma, de maneira geral destaca-se que as docentes das instituições pesquisadas sugerem compreender e apoiar a relação de parceria entre família e a escola como instâncias complementares na educação e socialização das crianças. Porém, não fica claro como deveria ser efetivamente essa parceria, apenas que deveria ser de complementariedade em prol do desenvolvimento das crianças. Bem como, sugerem que as famílias dificultariam essa relação, no sentido de não atuarem para se concretizar uma parceria na educação das crianças. Em relação a prática das docentes sobre os impactos das famílias, é notório que o contexto familiar dos alunos influencia no modo como elas elaboram as aulas e os diálogos no cotidiano das salas de aula, além de contribuir para a compreensão e superação de eventuais dificuldades dos alunos.

Ainda de maneira preliminar, esse estudo indica que tanto a escola quanto a família devam desenvolver o interesse comum de educar a criança de maneira integrada, para que assim ela possa crescer e se desenvolver em suas potencialidades. Porém, nos deparamos com uma gama de possibilidades de continuidades investigativas que vão desde dar pistas do modo como concretizar essa parceria; concepções dos papéis das duas instâncias; até estratégias para dirimir as dificuldades da efetivação complementar de uma relação tão complexa.

## **REFERÊNCIAS**

ALTET, M. (2000). **Análise das práticas dos professores e das situações pedagógicas**, Porto, Porto editora.

BARDIN, L. (2006). **Análise de conteúdo** (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trads.). Lisboa: Edições 70. (Obra original publicada em 1977).

BRASIL, Ministério da Educação. **Plano Nacional de Educação 2014-2024**, Lei nº 10.17201. Brasília: Congresso Nacional, 2014.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação nacional**. Lei nº 9.394/96. Brasília: Congresso Nacional 2011.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Política Nacional da Educação Infantil**. Brasília: Congresso Nacional. 2010.

BUCHER (1999). **O casal e a família sob Novas Formas de Interação**. Em T. Feres-Carneiro (Org). Casal e família: Entre a Tradição e a Transformação, p-82-95. Rio de Janeiro. Nau Editora.

DIAS, Maria Berenice. **Família. Modernas (inter) secções do afeto da lei**. Revista Brasileira de Direito de Família. Porto Alegre, v2, n8, p.62-69 jan./mar.2001.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não. Cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo, Olho D' Água ( Primeira edição de 1992).

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. 5ª edição. Petrópolis: Vozes, 1997.

KRAMER, Sonia. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce**. 5ª ed. São Paulo, SP: Cortez, 1995.

KUHMANN JR. Moysés. **Educando a infância brasileira**. Uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 1998.

\_\_\_\_\_. **Educando a infância brasileira**. LOPES, E. M. T.; FARIA FILHO, L. M.; VEIGA, C. G. 500 anos de Educação no Brasil. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LUCK, Heloísa. **A gestão participativa na escola/ Heloísa Lück**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. Série Cadernos de Gestão.

MICHAELIS: **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo Companhia Melhoramentos, 1998 ( Dicionário Michaelis) 2259p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 17 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8. ed. São Paulo: HUCITEC, 2004.

\_\_\_\_\_, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo, Rio de Janeiro: HUCITEC/ABRASCO, 1995.

OLIVEIRA, L. C. F. (2002). **Escola e família numa rede de (des) encontros**: um estudo das representações de pais e professores. São Paulo: Cabral Editora.

PIAGET, J. **Aprendizagem e conhecimento**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1979.

\_\_\_\_\_. Jean. **Para onde vai a educação?** Rio de Janeiro: José Olímpio, 2007.

PAROLIM, Isabel. **As dificuldades de aprendizagem e as relações familiares**. Fortaleza, 2003

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 35ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

SILVA, S. das. G. O. **A relação Família/ Escola**. Disponível em:  
<[http://www.artigos.com/artigos/humanos/educaçã/a.relação-família/10escola-30/2/artigo/](http://www.artigos.com/artigos/humanos/educa%C3%A7%C3%A3o/a.rela%C3%A7%C3%A3o-fam%C3%ADlia/10escola-30/2/artigo/)> Acesso em 30 de maio de 2015

SZYMANSKI, H. **Viver em família como experiência de cuidado mútuo: Desafios de um mundo em mudança**. In: Serviço social e Sociedade, São Paulo, ano 23, n- 71, p. 9-25, Set. 1992.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

\_\_\_\_\_. I. P. (Coord.). **Docentes universitários aposentados: ativos ou inativos?** Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2007.



VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **A prática pedagógica do professor de Didática.**  
2. Ed. Campinas, Papirus, 1992.